

Rosana Palazyan, *Acredito no amor como forma de cura e resistência.*

Sou Rosana Palazyan, carioca do subúrbio do Rio e de ascendência armênia. Desde muito nova, preocupada com questões sociais e direitos iguais para as pessoas. Ali no subúrbio, cresci vendo injustiças que aconteciam ao meu redor e nunca fui de ficar anestesiada e parada. Ao mesmo tempo, a violência sempre esteve presente no meu inconsciente, ainda que na infância eu a percebesse de forma indireta, como algo que não me pertencesse (de um passado distante) e que eu não queria ter contato naquele momento: a memória do genocídio armênio, contada mesmo que de forma muito fragmentada, sempre lembrada nas reuniões de família, para que nunca mais acontecesse. Além disso, nos anos 80 e 90 no auge da juventude, a violência urbana nos subúrbios do Rio estava sempre por perto, ali, a espreita... Até que um dia aconteceu... Em 1992, a perda do único irmão como uma das vítimas da violência, quase me fez desistir. Pensar em deixar o Rio, nunca pensei. Continuei no Rio e com a arte, processando criticamente perdas, traumas sociais e a violência. Naquele momento, falar sobre essa questão, era um perigo de vida - existiam ameaças veladas. Na arte, era um perigo de exclusão e não aceitação. Mas insisti e resisti. Nunca esquecida, hoje cada vez mais essa memória reacende, a cada notícia de vítimas. Não dá pra viver na cidade linda que amo tanto e que nunca abandonei, sem fazer nada.

Em 30 anos, trabalhando com diversos meios (desde desenhos e bordados, a vídeos, instalações e projetos de arte pública), tenho desenvolvido pesquisas sobre violência, realidade social e política. Mas foi em 1998 com a obra "*O que você quer ser quando crescer?*" (com crianças que viviam nas ruas do Rio), que os trabalhos começaram a adquirir um novo corpo quando decidi ampliar a investigação para um contato direto com a realidade no tecido social. Desde então, tenho desenvolvido uma trajetória constituída como um processo de aproximação com o Outro, em especial aquele que está socialmente em situação de exclusão, que é convidado a participar de uma relação de escuta e trocas. E o resultado é transformado em obras que se propõem amplificar suas vozes.

Nesse processo, tenho vivido a arte como um percurso do encontro com o Outro. A arte tem me levado a caminhos surpreendentes e inesquecíveis, que talvez eu nunca teria conhecido sem ela.

Conheci muitas pessoas, que abertamente aceitaram compartilhar suas história de vida, seus sonhos, medos, esperanças. Foram muitas conversas.

Mas aqui, com tempo compartilhado entre meus colegas, fiz um recorte. Vou expor um desses momentos.

Durante 2 anos, há 19 anos atrás (entre 2000/2002), visitei adolescentes (de 12 a 17 anos), internados em uma instituição no Rio de Janeiro, a Escola João Luiz Alves, destinada à jovens em conflito com a lei em cumprimento de medias sócio educativas. No início, o que pretendia ser apenas uma pesquisa passou a caracterizar meses de convivência diária, diálogos, trocas culturais e afetivas, e por fim, minha inserção como voluntária na instituição.

Entrei lá sozinha, sem o intermédio de ninguém. Não conhecia nenhuma pessoa próxima que tivesse tido tal experiência e que pudesse me orientar como agir. E nunca poderia imaginar o que iria acontecer nos próximos meses.

No início não foi fácil, os adolescentes não entendiam bem o que eu estava fazendo ali, só conheciam o circuito de promotores e juízes, que deveriam relatar e julgar.

Tive muita sorte por ter conhecido um diretor diferente de tudo que eu imaginava, com reais intenções de mudança. Mas também não foi fácil, no início, o dia a dia na instituição com os funcionários e agentes. Alguns se sentiam ameaçados quando percebiam o interesse dos adolescentes, outros descreditavam na recuperação diante qualquer tipo de atividade (diziam que tudo aquilo era bobagem). E para dar certo, também com eles existiu um longo processo de aproximação.

Experimentando uma proposta inédita e completamente desconhecida por mim, após muitas conversas, as ideias para os trabalhos foram surgiram naturalmente. Entre elas, a série: “...uma história que você nunca mais esqueceu?” (2000-2007). A pergunta título da obra surgiu durante nossas conversas na tentativa de aproximação. Diante de tantas histórias vividas (desde a violência doméstica e a do dia a dia nas ruas, sentimentos de traição, e até mesmo alegrias e acontecimentos com amizade e solidariedade), minha curiosidade era se eles haviam guardado aquela história que nunca conseguiram esquecer. Depois de muitos encontros essas histórias foram surgindo recuperadas de suas memórias e, a cada dia, mais adolescentes tinham interesse em me conhecer e conversar. Passei a chegar mais cedo e sair mais tarde de lá para conseguir atender a todos. Minha vida foi se transformando e a deles também.

Conheci mais de cem meninos. E logo no início percebi que nossas conversas precisariam ser individuais. Duravam cerca de uma hora e repetiam-se a cada semana ou antes disso, quando eles me chamavam por algum motivo especial. Ouvir cada história individualmente me fez perceber o quanto estava sendo importante nossa troca. Naquele lugar, sozinha, entendi que se houvesse uma verdadeira intenção de transformação pelas instituições, estudar cada caso separadamente, cada história de vida, seria a grande oportunidade para que eles pudessem ter suas vidas reconstruídas. Mas isso não era o que acontecia. Psicólogos e assistentes sociais, mesmo bem preparados, e com boas intenções, tinham lá um trabalho burocrático, com relatórios a serem preenchidos e enviados a juízes, em prazos muito curtos. Era o sistema.

Em uma fronteira muito tênue entre arte e vida. Experimentei nesse trabalho específico, vários papéis diferentes, desde a amiga ou irmã que escuta confidências, da mãe, que alguns já não tinham mais, a psicóloga, a professora... Para alguns meninos que nunca recebiam visitas, eu era a visita que eles esperavam todos os dias. Para outros, cujas mães e avós não podiam ir nas datas de aniversários, eu era a pessoa que eles convidavam para receber o primeiro pedaço do bolo. E receber tudo isso foi uma grande responsabilidade.

Nesse processo, outras cinco obras surgiram nos seis primeiros meses, cujas imagens apresentarei ao final. Mas um projeto em especial, o *Roupa de Marca*, que eu não considerava como uma obra, foi nascendo aos poucos, durante esse período, como forma de concretizar para eles, tudo que estávamos percorrendo juntos. Os adolescentes não entendiam bem o que poderia ser arte diante do que estávamos experimentando. Como surgir arte, diante de conversas? E eu também ainda não podia apresentar-los os trabalhos em produção. Assim, para mim, o Roupa de marca foi um misto entre poder tornar visível o processo, junto a necessidade de oferecer a eles algo mais. Mesmo acreditando que nossa troca já estava acontecendo, de tantas outras formas. Era como se eu mesma precisasse visualizar, o que já existia no campo dos sentimentos e sensações. E assim o projeto foi surgindo, a cada dia, em paralelo a tudo, sem saber muito bem o que ele seria.

Desde o início, na tentativa de manter nossas conversas mais leves, experimentei intuitivamente, deixar a disposição, papel e giz de cera e incentivei-os a desenhar. Alguns aceitavam de imediato. Outros, diziam não saber desenhar, e mesmo aqueles que nunca haviam pego em lápis e papel e não sabiam escrever - todos passaram a experimentar. Juntos propúnhamos temas, como saudade, a vida lá fora, o que os afligia, alegrias, entre tantos outros (nunca questionava sobre seus delitos, só falávamos sobre isso, quando eles

mesmos sentiam necessidade e os mencionavam). Minha admiração por aqueles desenhos aumentava a cada dia. Com uma coleção enorme deles, meu desejo era que de alguma forma mais pessoas pudessem conhecê-los.

Ao mesmo tempo, a memória de suas falas quando citavam o fascínio por roupas de marca, exposto em quase todos os depoimentos, era muito marcante para mim. Ícone máximo de identidade e *status* para os adolescentes da periferia, a roupa de marca é sua forma mais forte de afirmação como indivíduos. Nas respostas, o motivo de delitos para vários deles era : “...*para comprar roupa de marca, drogas e não depender dos meus pais*”.

E assim a ideia foi surgindo. Pensei que aqueles desenhos impressos em camisetas, suas histórias, suas marcas, poderiam ser suas próprias roupas de marca. Selecionei os desenhos, imprimi e as primeiras camisetas foram dadas a um grupo de trinta meninos. Que não entendiam bem como seus desenhos foram parar ali nas camisetas.

Foi acordado então, que aquela seria a roupa com a qual eles sairiam de lá quando postos em liberdade.

Mas não parou por aqui. Diante do sucesso das camisetas com funcionários e visitantes da instituição, comecei a percebê-lo como a possibilidade de um projeto de ressocialização com o qual os adolescentes poderiam aprender a produzi-las e comercializá-las.

E assim foi. Em parceria com eles, o projeto *Roupa de Marca* começou a ser produzido e foi apresentado em 2000 e 2001, no Rio de Janeiro, em um espaço alternativo de moda, cultura e comportamento (a Babilônia Feira Hype). Consegui levar até lá alguns adolescentes autorizados pelo juiz e acompanhados pelo diretor e agentes. Ao perceberem jovens freqüentadores da feira, situada no Jockey Club (zona sul do Rio), adquirirem as camisetas com seus desenhos, a troca que eu tanto desejava, aconteceu. E não era a troca financeira. Além disso, ao levar a informação que haviam vivenciado ali, aos outros adolescentes dentro da instituição, a auto estima foi elevada e o *Roupa de Marca* virou moda. Virou um novo desejo entre eles.

Em comum acordo com os adolescentes, que como internos, a legislação nos proibia de remunerá-los diretamente, o valor das vendas, foi revertido para seus próprios desejos e necessidades dentro da instituição. A primeira aquisição escolhida por eles foi uma televisão e em seguida uma câmera de vídeo para filmarem sua próprias histórias.

Importante esclarecer também que nesse processo, todos os projetos foram feitos sem nenhum apoio financeiro, como por exemplo bolsas financiadas. Eram outros tempos e não sei se conseguiria fazer hoje, tudo que fiz ali, dessa mesma forma. Uma exposição estava agendada para o final dos seis primeiros meses de pesquisa. Minha intenção original era levar para dentro de uma galeria comercial um universo odiado por grande parte da sociedade. Mas ao ver as obras que seriam expostas, o galerista queria cancelá-la. Achava que eram muito fortes para aquele circuito. Precisei convencê-lo a mantê-la. Ele aceitou mas nada foi vendido. Para mim o mais importante já tinha acontecido, apresentar aqueles trabalhos naquele espaço.

Após esses seis primeiros meses, de minha parte, depois de criar vínculos e estar tão presente no cotidiano daqueles meninos, não poderia ir embora e desaparecer de repente. Decidi continuar na instituição até que o último adolescente que eu havia conhecido individualmente tivesse sido posto em liberdade. Para que mais uma vez eles não experimentassem o sentimento de abandono constante em suas vidas. E por mais dois anos continuei freqüentando a instituição.

Nesse percurso, ao longo dos anos até hoje, o aprendizado de uma obra conduziu a outra, com novos desafios e vivências muito específicas para cada uma, mas em comum e antes de tudo, o processo de criar vínculos como parte fundamental.

Em comum também nos trabalhos que aconteceram nos anos seguintes, mesmo em universos tão distintos, foram os relatos de profissionais como assistentes sociais ou psicólogas que me auxiliaram em alguns projetos, de que passariam a utilizar os questionamentos criados por mim e a forma de abordagem, dentro de seus próprios trabalhos. Muito gratificante perceber arte e ciência trabalhando juntas.

Com cada um desses detalhes caminhando juntos, é importante descrever que como artista, há muitas questões que me preocupam, que são diretamente relativas à arte. Tenho um pensamento espacial muito presente e marcante. Em vários trabalhos, manter o diálogo da obra com o espaço, é como o diálogo que tenho com as pessoas que são parte da obra e com o espectador/participante. Além disso, me preocupa o lado formal da obra, tanto quanto, como se dará a aproximação do público. Alguns trabalhos já nascem com uma forma específica, que vai sendo construída, com materiais e meios próprios. E outros não vão a frente, diante de um alto grau de minha própria exigência. Por outro lado, sou curiosa e o desafio das novas descobertas sempre me moveu. Tenho prazer nas experimentações. Ao optar por um novo meio, aprendendo sozinha, nunca desisto. Me sinto impulsionada, até o resultado surgir, mesmo que pelo caminho mais longo e impensável inicialmente.

Uma etapa fundamental do processo em todos os trabalhos até hoje, é que tenho conseguido levar em visita as exposições, grande parte das pessoas que participam dos trabalhos. Alguns nunca haviam experimentado entrar nesses locais e nem sabiam que poderiam. Ao verem as obras, a frase que mais tenho ouvido deles é: *"Estou me sentindo importante"*.

Também em todo esse processo, para cada projeto ao longo desses anos, foi criado um mecanismo específico de compartilhamento imediato, mesmo antes da venda de alguma obra, como foi o exemplo do *Roupa de Marca*. Além disso, na impossibilidade de reencontrar as pessoas que conheci, quando a obra é vendida, parte do valor é oferecido a uma instituição que seriamente atende o segmento social com o qual a obra esta relacionada.

Experimentar estes processos na arte e na vida tem sido inesquecível. E mesmo que em nossa situação atual, em muitos momentos a falta de esperança venha à tona, tenho me dedicado de forma incansável a transformar a relação das pessoas diante de questões tão urgentes.

Hoje estamos enfrentando o enorme desafio, de criar mecanismos em várias frentes, para conseguirmos sobreviver e viver, diante de um governo, que não tem compromisso nenhum com a democracia. Eu acredito no amor, como forma de cura e resistência.

Rosana Palazyan, 24 de setembro de 2019

*Saiba mais sobre as obras apresentadas nas imagens para o seminário, no PDF anexo.